

A ALTERNÂNCIA ENTRE O PRETÉRITO IMPERFEITO E O FUTURO DO PRETÉRITO NA FALA DE FLORIANÓPOLIS

TEREZA SANTOS DA SILVA
(UFSC)

Introdução

No português falado no Brasil, há três possibilidades de alternância entre o **Pretérito Imperfeito** e o **Futuro do Pretérito** que são bastante recorrentes: a) os verbos flexionados no pretérito imperfeito (PI) costumam ser empregados nos contextos em que o esperado seria o futuro do pretérito (FP); b) verbos com morfologia temporal de futuro podem ser usados no lugar do imperfeito; e c) ambas as formas, todas do modo indicativo, são freqüentemente empregadas pelo **Presente**. Em nossos dados são comuns exemplos como este:

(1) E - Até tem uma lei, agora, que quer mudar o nome da cidade, né?

F - É, pois é, já ouvi falar isso.

E - Pra Desterro. O que tu achas disso?

F - Não, eu acharia até que não era uma coisa assim, que o povo fosse ficar, né? como dizer, assim incomodado com isso, vamos dizer assim, né? um português bem claro. Porque já era chamado de Desterro, né? e se continuasse Desterro, é uma coisa que já tinha sido, né? chamado, então, não era um nome, assim, que todo mundo ia ficar aborrecido, porque tiravam o nome de Florianópolis e passavam pra Desterro. (FLP 12, L 1355)¹

No exemplo acima, o informante emite uma opinião cotemporal ao momento da enunciação, empregando as formas *acharia* e *era*, verificando-se a alternância (FP e PI), ambas as formas utilizadas com o valor temporal de presente nos dados considerados. Depois ele usa as formas *ia* *ficar*, *tiravam* e *passavam* que, se substituídas (*iria* *ficar* e *ficaria*), (*tiam*/*iriam* *tirar*, *tirariam*),

(*iam/iriam passar, passariam*), continuariam tendo, respectivamente, as mesmas propriedades temporais de FP.

A gramática tradicional (GT) prevê estas três possibilidades de emprego das formas verbais, todas associadas à modalidade, a saber: 1) uso do PI pelo FP (valor: certeza sobre fatos futuros); 2) uso do FP pelo PI (valor de incerteza sobre fatos passados); e 3) uso de uma ou de outra dessas formas pelo Presente (valor de polidez) (cf. Bechara, 1975:274; Cunha & Cintra, 1985:440).

Ocorre que no discurso oral encontramos casos de uso variável os quais aparentemente rompem o padrão estabelecido quando associa alternância exclusivamente à modalidade. Observe-se:

(2) Se tu fosses num supermercado, numa venda, naquele tempo, com um tostão tu trarias bastante pão, trazias os litros de leite, uns leites muito bons, puros, e um café e açúcar, com aquele tostão, que valia muito. (FLP 12, L 905)

No trecho acima, o informante alterna formas de um mesmo item lexical (*traria* e *trazia*) codificando fatos que compõem uma mesma situação - ida ao supermercado; neste caso parece improvável que como consequência da condicionante 'se tu fosses num supermercado', 'trazer pão' seja mais incerto do que 'trazer leite'.

Conquanto a GT preveja o fenômeno de variação em determinados contextos gerais, resta definir de modo objetivo em que situações específicas pode ocorrer esta escolha alternada.

Não é fácil definir os contextos de uso de PI e de FP, especialmente quando trabalhamos com a possibilidade de uso alternante dessas formas com **valor temporal**, ou de **pretérito imperfeito**, ou de **futuro do pretérito**, ou de **presente**. Em recente dissertação de mestrado, Costa (1997) estudou a variação entre PI e FP em *corpus* do português falado no Rio de Janeiro, considerando como critério para seleção dos dados analisados "a expressão de informação no âmbito do *irrealis*".

Nosso critério na definição do envelope de variação foi diferente. Por razões metodológicas procuramos separar valor temporal de valor modal, na tentativa de mostrar que há quatro possibilidades de uso alternante (PI ~ FP ~ *Ia* + *INF* ~ *Iria* + *INF*) para cada valor temporal a e partir deles tentamos estabelecer três regras variáveis.

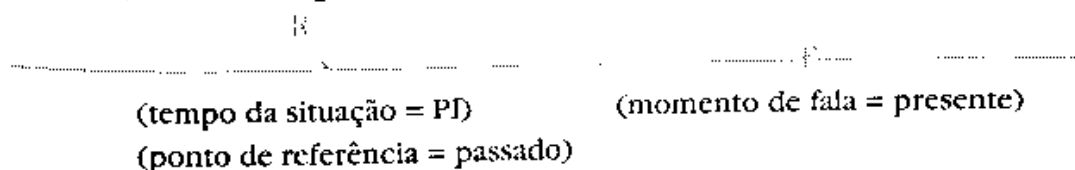
1. Delimitação das variáveis

Para este trabalho adotou-se uma visão funcional da categoria de tempo segundo a qual a **referência temporal** é estabelecida pelo tempo verbal da situação que é localizada relativamente ao **momento de fala** (presente, passada ou futura), por elementos de especificação temporal (advérbios), e pelo **ponto de referência R** ao qual a situação se ancora (Givón, 1993; Matos, 1996).

Consideramos, como Coan², que o falante estabelece vínculos temporais envolvendo o momento da enunciação, o tempo da situação mencionada e o ponto de referência R, de modo que a existência de um ponto de referência no enunciado se deve à necessidade de especificação de um segmento da linha temporal ao qual a situação em foco está ancorada, o que contribui de forma decisiva para a compreensão daquilo que é enunciado.

As três possibilidades de uso alternante de PI e FP, já mencionadas, podem ser melhor visualizadas nos diagramas a seguir, que mostram a localização temporal das variantes.

a) Valor temporal de passado



R = ponto de referência

S = tempo da situação³

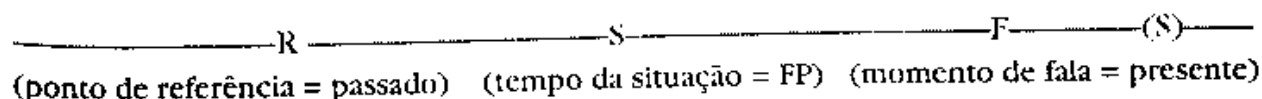
F = momento de fala

Explicitando a linha temporal: *o PI é o tempo verbal que codifica uma situação S (evento ou estado) passada em relação ao momento de fala F e coterporal a outra situação também passada, à qual se ancora tomando-a como ponto de referência R.* Exemplificando:

(3) Naquele tempo a merenda era servida em caneco de esmalte, não, em caneco de plástico, na época seria caneco de esmalte. (FLP 18, L 357)

Neste caso, *seria* é passado tendo como ponto de referência uma situação também passada (era), que lhe é coterporal.

b) Valor temporal de futuro



Explicitando a linha temporal: *o FP é o tempo verbal que codifica uma situação S (evento ou estado) passada e posterior a outra situação também passada, à qual se ancora tomando-a como ponto de referência R (podendo se projetar para além do momento de fala).* Exemplificando:

(4) Se ficasse de comprar o carro depois do dia quinze, aí não daria mais. (FLP 10, L 1236)

No exemplo acima, *daria* é futuro em relação ao ponto de referência passado (*ficasse de comprar*), e passado em relação ao momento da enunciação.

c) Valor temporal de presente

S/R/F

(tempo da situação)
(ponto de referência)
(momento de fala)

Explicitando a linha temporal: *o Presente é o tempo verbal que codifica uma situação S (evento ou estado) presente, cotemporal ao momento de fala, ao qual se ancora tomando-a como ponto de referência R*. Exemplificando:

- (5) ...mas eu acho que isso ficaria hoje em torno bem, bem dos quinhentos reais... (FLP 02, L 718)
- (6) A gente sempre guardava uma economia e com aquela economia, devido aos juros, a gente podia se manter... mas, ó, pra mim, eu achava que estava melhor antes. (FLP 12, L 134)

Observe-se que tal valor não é depreendido relativamente ao momento de fala, antes tem a ver com o ponto de referência do dado em questão e com sua localização no eixo temporal.

2. Metodologia

Neste artigo, optamos por analisar uma das três variáveis apontadas, a saber, a alternância entre PI e FP com **valor temporal de futuro**, conforme diagrama b) acima. Elegemos esta variável para análise uma vez que esta é a que contempla o maior número de dados.

Foram analisados dados que podem alternar formas simples e/ou perífrases.

Acontece que, em alguns casos, a substituição de uma forma pela outra só pode ser parcial como ocorre no enunciado seguinte:

- (7) Só que como era dia das mães, eu estava triste porque eu não ia ganhar nenhum presente do dia das mães, né? (FLP 20, L 291)

No exemplo acima, *ia ganhar* alterna com *iria ganhar* e *ganharia*. Já na substituição pela forma *ganhava*, altera-se o sentido de futuridade em relação ao ponto de referência (estava) que passa a ser cotemporal a *ganhava*. Casos deste tipo não foram considerados na análise.

Nossos dados foram obtidos em entrevistas com 24 informantes de Florianópolis, de acordo com o seguintes estratos sociais: sexo, idade (25 a 50 anos e acima de 50 anos) e escolaridade (primário, ginásio e colegial), disponíveis no Banco de Dados VARSUL.

3. Análise e discussão dos resultados

A questão central que orienta a discussão é a seguinte: que fatores lingüísticos e/ou sociais condicionam a escolha de uma das variantes: PI de verbo simples (Ex.: *dizia*), FP de verbo simples (Ex.: *diria*), PI em perífrase (Ex.: *ia dizer*) e FP em perífrase (Ex.: *iria dizer*) — para representar valor temporal de futuro?

Dentre os grupos de fatores lingüísticos controlados, mostraram-se mais relevantes os seguintes: **ambiente sintático, paralelismo formal, referência temporal e modalidade**. Os fatores sociais não se mostraram significativos.

Num primeiro levantamento, constatamos que a perífrase *Iria + INF* teve apenas oito ocorrências no *corpus* analisado, conforme exemplificado:

(8) Olha, se eu ganhasse bastante dinheiro, uma parte eu iria ajudar os pobres. (FLP 15, L 1118)

Em virtude do reduzido número de dados para uma das variantes, a análise que segue contempla os fatores condicionantes para três das variantes propostas.

3.1 Primeira variante: Uso de PI (verbos simples com valor de futuro do pretérito)

Os dados foram agrupados constituindo-se numa variável dependente binária: PI *v* FP + *la INF*. Os grupos de fatores significativos para a variante PI foram: **ambiente sintático e paralelismo**.

3.1.1 Ambiente sintático

O tipo de ambiente sintático foi selecionado em primeiro lugar na rodada estatística em que PI era o valor de aplicação da regra.

A hipótese principal em relação a este grupo diz respeito às orações condicionais tidas como contexto natural para o uso de futuro do pretérito. Nossa expectativa é que a anteposição da prótase para o ambiente *condicionante + condicionada* em período hipotético canônico (cf. Leão, 1961) favorece o uso da forma de PI (ex.: Se pudesse comprava uma casa.), uma vez que a condição já foi anunciada e já está preparado o terreno da «irrealidade». Portanto tal modalidade já estaria assegurada independentemente da forma verbal que codificaria a situação da apódose. Conforme Karan⁴ estamos considerando que a ordem do período hipotético (prótase + apódose) seja mais icônica (cf. Givón, 1990) devido não só à seqüência temporal como também à lógica da situação. Exemplo:

(9) Ele dizia: "Você não vai lá e está acabado". Se teimasse, chegava em casa, apanhava mesmo. Pensas que era de puxão de orelha? Não, apanhava mesmo, não é? (FLP 04, L 246)

Observe-se que a *condicionante* pode estar somente *implícita*, uma vez que todo evento futuro depende de uma condição a qual não precisa ser

necessariamente estabelecida pelas conjunções condicionais como *se*, por exemplo, podendo ser vagas ou implícitas (Camara Jr., 1967:56).

- (10) Aí quando fui a 3º Sargento, aí, sim, aí me casei. Já ganhava melhor. Pelo seguinte: porque [se eu casasse] eu casava como marinheiro ia destacado por um lugar aí, viajava na 3ª classe. Mulher lá não. Eu [Se eu fosse], como Sargento viajava na 1ª classe, tinha direito a tudo, tinha direito a camarote, essa coisa toda. (FLP 06, L 623)

Como desdobramento da primeira hipótese, espera-se que, alterada a ordem para a distribuição *condicionada + condicionante*, caberá ao FP a função de denotar a «irrealidade». (Ex.: Compraria uma casa se pudesse). Temos em nossos dados exemplos como esse:

- (11) ...pra mim seria o vício mais feliz, se fosse fumar cigarro do que partir pra outros vícios. (FLP 17, L1279)

Consideramos como fator *independente* orações tanto principais como coordenadas as quais demonstram real independência, tanto sintática como semântica. Vejamos o exemplo abaixo :

- (10) O casamento, naquele tempo, a gente casava na igreja e depois a gente ia casar no cartório. (FLP 15, L 907)

Uma outra questão em relação ao grupo **ambiente sintático** diz respeito à configuração morfossintática das frases relacionadas. Neste grupo de fatores estão sendo contempladas as orações objetivas que estão presentes no discurso indireto como complementos de verbo *dicendi* e verbos de cognição (ambos conjugados tanto no passado como no presente). No caso das *encaixadas em discurso indireto* essa alternância aparece via de regra em relações condicionais, ou seja, em construções de discurso indireto. Nossa expectativa é que esse fator iniba a forma de PI e privilegie a forma simples de FP e as formas em *la INF*. Vejamos os exemplos:

- (13) Ela pensava em desistir [de fazer o vestibular], mas eu incentivo muito, né? Incentivo tanto que eu até fui capaz de dizer pra ela que faria também, pra ela ficar incentivada. (FLP 17, L 1127)
- (14) Eu adorava, que eu sou gordinha, né? adorava suco. Então, quando eles não queriam dar pra mim, quer dizer, o suco, né? aí, eu dizia que eu ia contar pro meu pai... eu ia dizer pra todos que eles tinham me batido. (FLP 01, L 320)

Os resultados para este grupo de fatores são apresentados a seguir.

Tabela 1: Ambiente sintático e uso de PI com verbos simples

Fator	Total/aplic.	%	PR
Condicionante + condicionada	138/82	59	.64
Condicionante implícita	44/20	45	.46
Independente	40/13	32	.37
Encaixada em DI	43/10	23	.25
Condicionada + condicionante	5/1	20	.23
Total	270/126	47	

Do total de 270 ocorrências de dados com valor temporal de futuro, passíveis de ser codificadas por uma das três formas: PI ou FP de verbos simples ou *Ia + INF*, encontramos 126 dados de PI, o que equivale ao percentual de 47%, ou seja, quase a metade dos dados é representada por PI em detrimento das demais. A hipótese sobre as condicionais foi parcialmente confirmada: PI é a forma mais recorrente (59%) para o fator cuja ordem canônica é *condicionante + condicionada*, tendo seu uso favorecido (.64) neste contexto; a *condicionante implícita* com peso relativo .46 ficou numa posição intermediária. O resultado para o último fator (.23) está dentro da nossa expectativa uma vez que, apesar dos poucos dados, a quebra da iconicidade na ocorrência de apódose + prótase favorece o uso de FP.

3.1.2 Paralelismo formal

Este grupo de fatores foi o segundo selecionado para o uso de PI.

Muitos trabalhos variacionistas têm apontado a importância do princípio do *paralelismo formal*, que trata das ocorrências em cadeia da mesma forma lingüística. De acordo com Scherre (1988), o paralelismo pode se dar entre uma oração e outra anteriormente considerada, o que em nosso estudo equivale às formas PI ou FP no discurso precedente do informante ou na fala do entrevistador. Isso faria com que o informante continuasse usando a forma já ativada, em virtude do paralelismo ocasionado no discurso.

Nossa hipótese em relação ao paralelismo é que nas ocorrências em cadeia, *PI levaria a PI e FP levaria a FP*, como podemos mostrar nesses exemplos:

- (15) Não é que não tinha fatura, é porque eles achavam que iria fazer mal, iria pesar muito no estômago. (FLP 02, L 1068)
- (16) Aí eu disse que ia me avançar na cara dele [...] mas vi que não valia a pena. (FLP 03, L 923)
- (17) F - Não, eu só queria saber era de- Se eu discutisse aquilo, se eu falasse-
E - Te aliviava?
F - Me aliviava. Entendeste? Me aliviava, aquilo tudo assim parecia que eu ficava bem.

Tabela 2: Paralelismo formal e uso de PI com verbos simples

Fator	Total/aplic.	%	PR
Forma anterior de PI	105/63	60	.63
Isolada ou 1ª de uma série	142/58	41	.46
Forma anterior de FP	23/05	22	.19
Total	270/126	47	

O resultado desse grupo de fatores aponta maior frequência (60%) para o fator *forma anterior de PI* com peso relativo .63, o que favorece as ocorrências em cadeia ('imperfecto leva a imperfecto'). O resultado foi o esperado. Já o fator *forma anterior de FP* obteve peso relativo .19, inibindo o uso de PI, corroborando nossa expectativa.

3.2 Segunda variante: Uso de FP (verbos simples com valor de futuro do pretérito)

Os dados foram arranjados para termos uma variável binária: **FP v PI + Ia INF.**

Os grupos de fatores selecionados para esta variante foram: **paralelismo formal e referência temporal.**

3.2.1 Paralelismo formal

Vejam-se os resultados para atuação do *paralelismo formal* sobre o uso de FP.

Tabela 3: Paralelismo formal e uso de FP com verbos simples

Fator	Total/aplic.	%	PR
Forma anterior de FP	23/15	65	.90
Isolada ou 1ª de uma série	142/30	21	.67
Forma anterior de PI	105/03	03	.19
Total	270/48	18	

O uso de FP é bastante reduzido para representar o valor temporal de futuro, conforme atesta o baixo percentual de 18%. Quanto ao *paralelismo*, o resultado confirma nossa hipótese: nas orações em cadeia, uma vez ativada uma forma, ela tende a se repetir. O fator *forma anterior de FP* é altamente condicionante do uso de FP (.90). Já o fator *forma anterior de PI* teve peso relativo baixo (.19) inibindo o uso de FP. O fator *Oração Isolada ou 1ª de uma série* também favorece FP (.67).

3.2.2 Referência temporal

A referência temporal é estabelecida em relação ao momento da enunciação, podendo uma situação ser anterior (passada), posterior (futura) ou simultânea (presente) ao tempo de fala. Assim, o ponto central para localizar a referência temporal é a dêixis, ou seja, a referência ao próprio ato de fala (cf. Lyons, 1977: 437). Para o autor, o falante projeta a situação no tempo, estabelecendo a ligação entre o tempo verbal e a projeção dêitica em relação ao surgimento dos eventos. Em nosso estudo, consideramos que o informante pode estar falando de coisas inteiramente passadas, delimitadas temporalmente pelo momento de fala; ou pode estar falando de coisas passadas ou presentes perduráveis para além do momento da enunciação. Foram controladas então duas variáveis: *referência temporal passada* e *referência temporal não-passada*. O contexto discursivo é muito importante para distinguir os tipos de referência temporal. Vejamos os exemplos:

(18) A gente costumava brincar de que ia procurar o King Kong. Iam todos procurar o King Kong. (FLP 01, L 83)

(19) Eu sempre disse pro meu marido que o dia que eu morresse, eu ia aceitar (FLP 11, L 367)

Observe-se que em (18) a situação ocorreu no passado e sua delimitação terminal antecede o momento de fala. Já em (19) a situação *aceitar a morte* projeta-se para além do momento de fala.

Inserimos esse grupo de fatores com a seguinte expectativa: se o dado em análise for *passado* em relação ao momento de fala, as formas de PI estariam mais disponíveis, caso em que o informante usaria mais o PI. Se a referência temporal do dado for *não-passada* (presente ou futura) em relação ao momento de fala, o falante empregaria mais FP. Tal expectativa se confirma nos resultados abaixo:

Tabela 4: Referência temporal e uso de FP com verbos simples

Fator	Total/aplic.	%	PR
Não-passado	96/37	39	.78
Passado	174/11	06	.33
Total	270/48	18	

O fator *não-passado* teve peso relativo .78, favorecendo o uso de FP, confirmando nossa hipótese inicial. Já o fator *passado*, mostra-se inibidor de FP (.33), confirmando que o contexto preferencial para a forma de FP é o de referência temporal não-passada.

3.3 Terceira variante: Uso de *Ia + Infinitivo* (com o valor temporal de futuro do pretérito)

Neste caso, temos variável dependente *Ia INF v PI + FP* (de verbos simples). Os grupos de fatores significativos para o uso de perífrase com PI foram: **modalidade e ambiente sintático**.

3.3.1 Modalidade

A modalidade, segundo Givón (1995), é a categoria que codifica a atitude do falante acerca da informação proposicional, especialmente seu julgamento *epistêmico* (de verdade, probabilidade, certeza, crença, evidência) e *deôntico* ou *avaliativo* (de desejo, preferência, intenção, habilidade, obrigação, permissão, necessidade, manipulação, propósito) (p. 117-23). Os exemplos abaixo ilustram as respectivas modalidades:

- (20) Aí nós combinamos de sair [no carnaval]. Se desacetasse [...] não ensaiaria mais. (FLP 17, L 253)
- (21) Então ele disse que já embora pra São Paulo trabalhar lá, que ele tinha uns parentes lá. (FLP 11, L 691)

Nossa hipótese é que o uso da forma FP seria mais recorrente na *modalidade deôntica* em vista do seu menor grau de incerteza em relação à situação assim codificada. Isso porque, conforme Givón, toda modalidade deôntico/avaliativa implica epistêmica (já que a primeira carrega um sentido de futuridade) e por isso é mais marcada em relação a essa modalidade. (1995:120) No desdobramento dessa hipótese, a perífrase *Ia + INF* favoreceria a marcação da *modalidade epistêmica* que caracterizaria a situação por seu maior grau de incerteza, como nos exemplos abaixo:

- (22) Ele prometeu não está cumprindo ainda. [...] ele falou que não mexeria na poupança, né? (FLP 07, L 590)
- (23) Ela já ficar uma semana, mas eu não agüentei passar dos três dias e fui buscar ela. (FLP 09, L 117)

**Tabela 5: Modalidade e uso de perífrase (*Ia INF*)
(valor temporal de futuro do pretérito)**

Fator	Total/aplic.	%	PR
Deôntica	90/53	59	.70
Epistêmica	180/43	24	.39
Total	270/96	36	

Contrariamente aos resultados obtidos para o fator *paralelismo formal* na escolha das variantes PI e FP, para o uso de *Ia INF*, o primeiro fator condicionante é a **modalidade**. A maioria das ocorrências (59%) de construção com *modalidade deôntica* estão correlacionadas ao uso de perífrase com *Ia INF*. O peso relativo .70 indica que a *modalidade deôntica* favorece o uso dessa

forma. Por outro lado, a *modalidade epistêmica* com peso relativo .39 inibe a morfologia da perífrase.

3.3.2 Ambiente sintático

Esse grupo de fatores foi o segundo escolhido na rodada para o uso de *la INF*. O **ambiente sintático** deve favorecer o uso dessa forma. Nossa expectativa é que na medida em que cada fator se comportou em relação às formas simples do verbo, o resultado se reverta para a perífrase.

**Tabela 6: Ambiente sintático e uso de perífrase (*la INF*)
(valor temporal de futuro do pretérito)**

Fator	Total/aplic.	%	PR
Encaixada em DI	43/30	70	.80
Independente	40/19	47	.54
Condicionante implícita	44/17	39	.56
Condicionante + condicionada	138/28	20	.35
Total	270/96	36	

As orações *encaixadas em discurso indireto* mostram-se fortemente favorecedoras do uso de *la INF* com 70% de perífrases e peso relativo .80, inibido o uso de formas simples do verbo. Os demais fatores ficaram numa posição intermediária, com exceção das orações hipotéticas *condicionante + condicionada* cujo peso relativo .35 indica ser este um fator que desfavorece o emprego de perífrase.

Considerações finais

Ao voltarmos às questões que emergiram no decorrer deste trabalho, podemos sistematizar o que temos a dizer da seguinte forma:

(i) O uso de qualquer uma das variantes em estudo para codificar o **valor temporal de futuro** é sensível a fatores lingüísticos. Destacamos o forte condicionamento revelado pelo *paralelismo formal* que atua na escolha tanto de PI como de FP, comprovando a hipótese de que “marcas levam a marcas”.

(ii) Enfatizamos ainda a influência do contexto condicional, em especial os fatores *condicionante + condicionada* (favorecendo PI) e *condicionada + condicionante* (desfavorecendo PI). Ainda em se tratando de *ambiente sintático*, podemos apontar que as orações *encaixadas em discurso indireto* inibem o uso de PI e favorecem o emprego de perífrase.

(iii) No que se refere à *modalidade*, grupo estatisticamente significativo apenas para o uso de perífrase, constatou-se que há uma forte correlação entre a *modalidade deôntica* e *la + INF*.

(iv) Em termos de frequência de uso, destacamos a alta taxa de emprego de pretérito imperfeito em verbos simples (47%) para referir situações com **valor temporal de futuro**, em que a forma verbal padrão seria futuro do pretérito, em oposição à baixa frequência de emprego de FP (18%) neste contexto.

Notas

- 1 Os nossos dados de análise para este trabalho foram extraídos do Banco de Dados do Projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana da Região Sul do Brasil), cuja coleta segue a metodologia laboviana, para estudos de Sociolingüística Variacionista.
- 2 COAN, M. (1997), em sua dissertação de mestrado sobre a variação entre o pretérito perfeito e o mais que perfeito, parte da estrutura de três pontos proposta por Reichenbach e propõe algumas modificações no que se refere ao ponto de referência. Diferentemente do autor, Coan considera que o momento de fala é o ponto de referência para situações codificadas no pretérito perfeito simples, sendo as marcas adverbiais, quando presentes, apenas especificadoras de tempo (Reichenbach considera, neste caso, o advérbio como ponto R).
- 3 Adotamos, a exemplo de Coan, a notação S (situação) para indicar o que Reichenbach chama Evento E.
- 4 KARAN, L. desenvolve pesquisa acerca da variação entre o pretérito imperfeito e o futuro do pretérito na fala de Porto Alegre/Panambi - RS e adota o critério de Leão em seu estudo sobre as orações hipotéticas.
- 5 Os segmentos entre colchetes [...] foram acrescentados.

Referências Bibliográficas

- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 19ª ed. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1975.
- CAMARA, Jr.J.M. *A forma verbal portuguesa em -ria*. Georgetown, Georgetown University, 1967.
- COSTA, A.L. *A variação entre as formas de futuro e de pretérito imperfeito no português informal no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade Letras, 1997. Dissertação de Mestrado.
- CUNHA.C. & CINTRA.L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2ª. ed. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1985
- GIVON.T. *Syntax - a functional - typological introduction*, vol II. Amsterdam Philadelphia. J. Benjamins.1990. .
- _____. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia, J. Benjamins. 1995.
- _____. "Verbal inflection:tense, aspect, modality and negation". *In: English Grammar: a functional-based introduction*. Vol. I e II. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1993.
- LEÃO, A. *O período hipotético iniciado por se*. Belo Horizonte, UFMG.
- LYONS, J. *Semantics*, vol. II. Cambridge, Cambridge University Press, 1977.

A ALTERNÂNCIA PRETÉRITO IMPERFEITO/FUTURO DO PRETÉRITO

- MATOS, S. *Aspectos da semântica e pragmática do imperfeito do indicativo*. In: *"Linguas e Literaturas"*. Revista da Faculdade de Letras. Porto. XIII. 1996, pp. 435-473.
- SCHERRE, M.M.P. *Reanálise da concordância nominal em português*. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 1988. Tese de Doutorado.